



Tópicos e representações da bruxaria na retórica demonológica escocesa: análise do tratado ‘*Daemonologie*’ e do panfleto ‘*Newes from Scotland*’ (1591-1597)

Palavras-Chave: Bruxaria; Linguagem Demonológica; *Topos*

Autores(as):

Julia Santos Souza, IFCH – UNICAMP

Prof. Dr. Rui Luis Rodrigues (orientador), IFCH - UNICAMP

INTRODUÇÃO

O trabalho em questão visa estudar a linguagem demonológica compreendendo a bruxaria enquanto um conjunto de crenças com lógica e mentalidade próprias. Para tanto, o estudo se volta em direção a duas fontes escocesas produzidas no final do século XVI, o panfleto *Newes from Scotland* (1591) e o tratado *Daemonologie* (1597), escrito pelo Rei James VI da Escócia e I da Inglaterra. Ao selecionar o panfleto, voltado para as camadas populares e um público mais amplo, e o tratado, escrito em forma de diálogo e direcionado para um público letrado, busca-se refletir sobre um panorama mais amplo do caso escocês na perseguição às bruxas. Do ponto de vista metodológico, o foco de análise da linguagem se dá a partir da retórica, mais especificamente o conceito de *topoi* (lugares-comuns, ou tópicos), cunhado por Ernst Robert Curtius (1979). Ao identificar lugares comum de argumentos sobre a bruxaria em ambas as fontes, é possível compreender alguns dos mecanismos intelectuais que embasaram essa crença, e quais correlações existem entre as diferentes esferas que compunham o corpo social moderno.

DISCUSSÃO TEÓRICA

Os estudos ao redor dos escritos demonológicos se afastaram, por muito tempo, de uma análise mais aprofundada da linguagem e dos sistemas de significados e interpretações que norteavam a crença na realidade da bruxaria para as sociedades da Primeira Modernidade. Stuart Clark (2001), chamando a atenção para tais problemáticas, preconiza o estudo não do que teria sido feito, mas do que foi dito sobre. Nesse sentido, uma consequência das crenças seria a realidade da bruxaria, corporificada, por sua vez, na linguagem (CLARK, 2001: p. 2).

O que interessa a este projeto, dentro da construção da linguagem e seus argumentos, é a arte e ciência do discurso. Dado o profundo interesse nas civilizações greco-romanas e seus autores, a retórica se torna uma das principais matérias ensinadas nas universidades medievais e modernas, constituindo-se

enquanto parte fundamental do trabalho de diversos humanistas, juristas, filósofos e teólogos do período, o que influencia, portanto, a escrita dos tratados. A retórica pode dar forma aos signos da linguagem que permitem a construção de uma crença.

Uma das ferramentas do sistema retórico é o *topos*, que pode ser traduzido para “lugar”, de onde é possível retirar argumentos, que, por conta de sua repetição e familiaridade, ajudam o autor a "conduzir o leitor a matéria" (CURTIUS, 1979: p. 82). Ernest Robert Curtius (1979), em seu livro *Literatura Europeia e Idade Média Latina*, explora o uso do *topos* em gêneros literários para além da retórica greco-romana. Para o autor, todo discurso tem o objetivo de tornar aceitável uma proposição ou causa, e que as tópicas são tipos de argumentos utilizados para isso, servindo como um “celeiro de provisões” para a argumentação (CURTIUS, 1979: p. 72, 82).

Em suma, Curtius estabelece que os modos de exposição – como esses *topoi* são usados – condicionam-se às mudanças históricas, mas não os seus argumentos (1979: p. 86). A diferença entre temática e tópica se encontra na repetição e reconhecimento das formas e argumentos, mas esses modelos não são intocáveis pelas mudanças históricas e sociais; o que é reconhecido em uma determinada cosmovisão pode não ser vista da mesma maneira em outro espaço. Ao utilizar uma abordagem histórica para análise do *topos* na bruxaria, é possível identificar lugares de argumentos que baseiam essa crença, construindo o que é possível ou não de ser feito pelo poder demoníaco e a ação das bruxas, a partir da interpretação de autoridades pré-estabelecidas no assunto – como as Escrituras e outros tratados do século XV.

METODOLOGIA

Ao mobilizar o conceito cunhado por Curtius, o intuito é identificar quais tópicas estavam sendo empregadas no caso escocês, mais especificamente no panfleto *Newes from Scotland* (1591) e no tratado *Daemonologie* (1597), ambos produzidos logo após o caso das bruxas de North Berwick. Por conta das limitações e filtros encontrados em cada fonte, a análise conjunta dos escritos teóricos e representativos da bruxaria, voltados para diferentes públicos, permite uma compreensão mais ampla do imaginário do período. Objetiva-se não apenas localizar os possíveis *topoi*, mas também enxergar as relações entre erudito e popular de forma mais orgânica, inserindo as crenças em bruxaria como parte da mentalidade da época, representando um perigo real para a mesma, apesar das questões em torno da realidade da magia.

As fontes utilizadas estão disponíveis no site da Biblioteca Britânica. Como suporte para a análise, foi utilizado o texto *Witchcraft in Early Modern Scotland: James VI's Demonology and the North Berwick Witches* (NORMAND; ROBERTS, 2000), que possui versões comentadas de ambas as fontes, além de um estudo sobre o caso em questão. A pesquisa com as fontes foi conduzida em paralelo com a leitura de bibliografia especializada no discurso demonológico, a fim de compreender qual era a visão teórica de

bruxaria vigente e como ela se formou, para assim identificar os *topoi* teológicos que poderiam ser mobilizados para validação dos argumentos presentes tanto no tratado quanto no panfleto.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O panfleto *Newes from Scotland - declaring the damnable life and death of Dr. Fian, a notable sorcerer*, provavelmente de autoria de James Carmichael, foi produzido em 1591, sendo o primeiro do gênero dedicado somente à bruxaria escocesa a ser publicado na Escócia e Inglaterra (NORMAND; ROBERTS, 2000: p. 290). O conteúdo começa com um prefácio ao leitor, dedicado à explicação do porquê o mesmo foi produzido, para, em sequência, narrar o exame e confissão dos acusados de North Berwick perante o Rei James VI da Escócia e sua corte. Os processos do caso se estenderam até o ano de 1592, e alguns dos acusados ainda não tinham sido julgados ou punidos no momento em que o panfleto foi escrito. Por conta disso, além de outras particularidades – como o uso do termo “ítems” para expor as diversas ações das bruxas –, é provável que o autor tenha tido acesso aos documentos judiciais dos processos já concluídos, como o do Doctor Fian e Agnes Sampson.

É possível que por conta de sua posição como único rei protestante no trono, e também do suposto atentado à coroa praticado pelas bruxas, James tenha recebido um foco tão central na narrativa do panfleto; com Sampson confessando perante o Rei que, ao ser questionado sobre, o Diabo responde que o monarca era o maior inimigo que ele possuía no mundo¹. Em outro momento, o autor do panfleto comenta que o Rei não temia os encantamentos demonstrados pelas bruxas, por ter Deus ao seu lado, e por conta de sua fé ele foi salvo das suas “práticas condenáveis”². A atenção à figura e autoridade do monarca acontece apenas no panfleto, sem muita menção nos *dittays*³, com a adição de duas xilogravuras que ilustram os atos de James na edição de *Newes from Scotland* que foi publicada junta ao tratado *Daemonologie* em 1597.

A experiência direta com a bruxaria provavelmente impulsionou o rei a escrever o tratado *Daemonologie*, publicado pela primeira vez em 1597 e reimprimido em 1603, quando James assumiu o trono da Inglaterra. Dividido em três livros, esse tratado é uma dissertação filosófica em formato de diálogo socrático, dedicado a falar sobre magia, necromancia, feitiçaria, bruxaria e a operação dos espíritos e demônios. O primeiro se preocupa com o tema geral do que seria magia e como as Escrituras provam a existência dessa arte ilegal, e por quais meios ela pode ser praticada. O segundo, por sua vez, levanta o argumento da descrição da feitiçaria e bruxaria, em especial, além das particularidades de suas práticas e

¹ FREELING, George Henry (ed.). *Newes from Scotland, Declaring the Damnable Life of Doctor Fian, a Notable Sorcerer, Who Was Burned at Edenbrough in Januarie Last, 1591*. [A Reprint from a London Edition Probably of 1591. Edited by Sir H. Freeling.], 1816, p. 14.

² *Ibidem*, p. 27.

³ *Dittays* são os documentos de acusação em um caso criminal, antes do processo de julgamento.

adorações ao Diabo. Por fim, o terceiro promove uma descrição de todos os tipos de espíritos que atormentam homens e mulheres, acompanhado da conclusão sobre todo o diálogo.

Para teóricos do final da Idade Média e início da Moderna, a bruxaria era um composto, uma combinação de temas oriundos de diversas tradições, como: espíritos femininos monstruosos; transformação em animais, heresia demonólatra, magia maligna e superstição (BROEDEL, 2003: p. 5). A partir do diálogo entre aquele que faz as perguntas, Philomathes – o amante do conhecimento – e aquele que expõe o saber, Epistemon – aquele que é bem informado ou inteligente –, o monarca expõe uma visão particularmente protestante dos temas que constroem a bruxaria. A título de exemplo, temos a questão do julgamento dos féis, que aparece tanto no tratado, quanto no panfleto. A fim de responder o questionamento do porque Deus permitiria que seus servos fossem seduzidos pelo Diabo, a demonologia constrói o argumento de que o criador permite que apenas aqueles que se afastaram de seus ensinamentos sejam enganados pelos demônios, como forma de provação⁴ – os que sucumbirem à ilusão do inimigo devem ser condenado por acreditar nas mentiras e não na verdade de Cristo.

Outras tópicas bíblicas também são utilizadas ao longo do panfleto, como a pitonisa de Samuel, presente na passagem de 1 Samuel, versículo 28. Nela, Saul procura uma mulher com alma de feiticeira para poder se comunicar com o espírito de Samuel, em busca de conselhos contra os filisteus, após clamar a Deus e não receber resposta. O próprio rei James pontua no tratado que esse não é o único lugar das Escrituras que demonstra a prática da bruxaria⁵, em sequência, justifica que o espírito conjurado pode ter sido o Diabo assumindo a forma do profeta, por conta de 2 Coríntios, versículos 11 a 14, onde é descrito que o mesmo pode assumir a forma de anjos de luz⁶.

O panfleto, por sua vez, apresenta um maior número de tópicas demonológicas, não bíblicas. A amalgama de categorias teológicas conceituais que deram origem à imagem que temos de bruxaria se baseia em muitas dessas passagens e em outros eclesiásticos, como Aquino e Agostinho, contudo, de maneira reinterpretada e combinada. A existência de espíritos *incubi e succubi* foi conectada à interpretação do pacto proposta por Aquino, formando a noção de que o poder da bruxa é obtido a partir de relações sexuais com o Diabo durante suas reuniões. Uma das tópicas que surge dessa chave interpretativa é o *osculum infame* – o ato de beijar as nádegas ou região traseira de Satã. Agnes Sampson narra em sua confissão que isso acontece no caso de North Berwick, sucedendo-se a pregação do Diabo sob o púlpito. A mesma tópica aparece de maneira diferente no tratado, com Epistemon pontuando a passagem de Êxodo, versículo 33, na qual Moisés pede para ver a glória de Deus, mas é permitido vislumbrar somente “suas partes traseiras”. Esse trecho, demonstraria ainda uma outra tópica, a do Diabo enquanto macaco de Deus, através da imitação dos atos divinos para com seus servos.

⁴ JAMES VI e I. *Demonologie, in Forme of a Dialogue, Divided into Three Bookes*, 1597, p. 355, 360.

⁵ *Ibidem*, p. 358.

⁶ *Ibidem*, p. 360.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa em questão pretendeu identificar e analisar tópicos sobre a bruxaria presentes no panfleto e tratado, as compreendendo e comparando. O objetivo central, portanto, enxerga essa retórica não apenas como um recurso persuasivo, mas enquanto um esforço intelectual para sistematizar e debater um conjunto de crenças que era parte constituinte da mentalidade da época. O uso do *topos* pressupõe uma familiaridade do leitor com a narrativa utilizada; e se diversas camadas da população conseguiram identificar as mesmas tópicos, surge a hipótese de que a relação entre a crença da elite e a popular é muito mais orgânica do que o imaginado.

As correlações diretas entre as fontes são poucas, mas a partir do estudo de como as tópicos demonológicas foram construídas, é possível identificar algumas dos *topoi* teológicos citados por James na construção do que foi a bruxaria para os séculos XV e XVI. Os lugares dessa crença foram construídos a partir da teologia e filosofia, em conjunto com a experiência vivida nos processos da caça às bruxas. Decorrem disso, argumentos e definições que delimitavam, dentro dessa cosmovisão específica, o que era possível ou não de ser feito no mundo natural, e qual a extensão do poder demoníaco e dos seus agentes – as bruxas – sobre os homens. O foco se afasta da realidade ou não das práticas mágicas, para o como e o porquê de as mesmas terem sido vistas como reais, e quais as ferramentas de legitimação dessa crença que foram utilizadas por tratadistas e outros autores durante a Primeira Modernidade.

FONTES

FREELING, George Henry (ed.). *Newes from Scotland, Declaring the Damnable Life of Doctor Fian, a Notable Sorcerer, Who Was Burned at Edenbrough in Januarie Last, 1591*. [A Reprint from a London Edition Probably of 1591. Edited by Sir H. Freeling.], 1816. Disponível em: <www.bl.uk/collection-items/witchcraft-pamphlet-news-from-scotland-1591>.

JAMES VI e I. *Dæmonologie, in Forme of a Dialogue, Divided into Three Bookes*. 1597. Disponível em: <<https://www.bl.uk/collection-items/king-james-vi-and-is-demonology-1597>>.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BROEDEL, Hans Peter. *The Malleus Maleficarum and the construction of witchcraft: theology and popular belief*. Manchester: Manchester University Press, 2003.

CLARK, Stuart. “Introduction”. In: *Idem* (ed.). *Languages of witchcraft: narrative, ideology and meaning in early modern culture*. Macmillan International Higher Education, 2001, p. 1-18.

CURTIUS, Ernst Robert. *Literatura Européia e Idade Média latina*. 2 ed. Brasília: Instituto Nacional do Livro, 1979.

NORMAND, Lawrence; ROBERTS, Gareth (eds.). *Witchcraft in Early Modern Scotland: James VI's Demonology and the North Berwick Witches*. 1st ed. Exeter: Exeter University Press, 2000.